

O LEGADO DE LENIN

Cem Anos da Morte de Vladimir I. Lenin (1924-2024)



Conselho Editorial da LF Editorial

Amílcar Pinto Martins - Universidade Aberta de Portugal

Arthur Belford Powell - Rutgers University, Newark, USA

Carlos Aldemir Farias da Silva - Universidade Federal do Pará

Emmánuel Lizcano Fernandes - UNED, Madri

Iran Abreu Mendes - Universidade Federal do Pará

José D'Assunção Barros - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Luis Radford - Universidade Laurentienne, Canadá

Manoel de Campos Almeida - Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Maria Aparecida Viggiani Bicudo - Universidade Estadual Paulista - UNESP/Rio Claro

Maria da Conceição Xavier de Almeida - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Maria do Socorro de Sousa - Universidade Federal do Ceará

Maria Luisa Oliveras - Universidade de Granada, Espanha

Maria Marly de Oliveira - Universidade Federal Rural de Pernambuco

Raquel Gonçalves-Maia - Universidade de Lisboa

Teresa Vergani - Universidade Aberta de Portugal

Oswaldo Coggiola
(Organizador)

O LEGADO DE LENIN

Cem Anos da Morte de Vladimir I. Lenin (1924-2024)

Andrey Kolganov
Angelo Segrillo
Arlene Clemesha
Daniel Gaido
Darya Mitina
Edgar Azevedo
Enric Mompó Martínez
Fabiana Lontra
Flo Menezes
Gianfranco Pala
Leon Trotsky
Lincoln Secco
Liudmila Bulavka-Buzgalina
Luiz Bernardo Pericás
Maximiliano Jozami
Ruy Mauro Marini
Savas Mikhail-Matsas
Sungur Savran
Támas Krausz



2024

Copyright © 2024 os organizadores e autores
1ª Edição

Direção editorial: Victor Pereira Marinho e José Roberto Marinho

Capa: Fabrício Ribeiro

Projeto gráfico e diagramação: Fabrício Ribeiro

Edição revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O legado de Lenin: cem anos da morte de Vladimir I. Lenin (1924-2024) / organização Osvaldo Coggiola. – São Paulo: LF Editorial, 2024.

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-5563-431-0

1. Chefes de Estado - União Soviética - Biografia 2. Comunismo 3. Lenin, Vladimir Ilitch, 1870-1924
I. Coggiola, Osvaldo.

24-196328

CDD-320.092

Índices para catálogo sistemático:
1. Políticos: Biografia e obra 320.092

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida
sejam quais forem os meios empregados sem a permissão da Editora.
Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106 e 107
da Lei Nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998



EDITORIAL

LF Editorial

www.livrariadafisica.com.br

www.lfeditorial.com.br

(11) 2648-6666 | Loja do Instituto de Física da USP

(11) 3936-3413 | Editora

SUMÁRIO

ISKRA E O “MODELO LENINISTA” DE ORGANIZAÇÃO PARTIDÁRIA	7
<i>Daniel Gaido e Maximiliano Jozami</i>	
LENIN, TROTSKY E O CONCEITO DE REVOLUÇÃO PERMANENTE	43
<i>Angelo Segrillo</i>	
LENIN E A REVOLUÇÃO SOVIÉTICA	59
<i>Oswaldo Coggiola</i>	
LENIN EM ABRIL DE 1917	81
<i>Lincoln Secco</i>	
LENIN, OS BOLCHEVIQUES E A DEMOCRACIA.....	91
<i>Enric Mompó Martínez</i>	
LENIN E AS FASES DO IMPERIALISMO.....	105
<i>Gianfranco Pala</i>	
O INTERNACIONALISMO CULTURAL DE LENIN	115
<i>Flo Menezes</i>	
DE LENIN AO LENINISMO	137
<i>Oswaldo Coggiola</i>	
LENIN, A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO E CUBA.....	169
<i>Luiz Bernardo Pericás</i>	
LENIN E OS POVOS DO ORIENTE ISLÂMICO	185
<i>Arlene Clemesha</i>	
VERDADES E MENTIRAS SOBRE LENIN.....	197
<i>Leon Trotsky</i>	
LENIN E CHE GUEVARA	213
<i>Luiz Bernardo Pericás</i>	

AS TRADUÇÕES DA OBRA DE LENIN NO BRASIL	221
<i>Fabiana Lontra</i>	
LENIN E A REVOLUÇÃO BRASILEIRA	235
<i>Ruy Mauro Marini</i>	
O LEGADO DE LENIN NEGADO	241
<i>Sungur Savran</i>	
PORQUE OS FILISTEUS NÃO GOSTAM DE LENIN.....	251
<i>Liudmila Bulaçoka-Buzgalina</i>	
LENIN E AS QUESTÕES NÃO RESOLVIDAS DA REVOLUÇÃO	263
<i>Andrey Kolganov</i>	
O OUTRO TESTAMENTO DE LENIN	269
<i>Edgar Azevedo</i>	
LENIN: UMA ALTERNATIVA AO CAPITALISMO.....	275
<i>Tamás Krausz</i>	
EM DEFESA DE LENIN	279
<i>Darya Mitina</i>	
LENIN PARA O FUTURO	283
<i>Savas Mikhail-Matsas</i>	

ISKRA E O “MODELO LENINISTA” DE ORGANIZAÇÃO PARTIDÁRIA

Daniel Gaido¹ e Maximiliano Jozami²

O marxismo emergiu historicamente na Rússia como uma ruptura com os *narodniks* (populistas). Segundo o principal historiador do movimento, Franco Venturi, o populismo russo teve origem em 1857 com o lançamento do jornal *Kolokol* (O Sino), de Aleksandr Herzen e Nikolai Ogariov, a partir do seu exílio em Londres. Ao mesmo tempo, Nikolai Chernyshevsky promoveu ideias populistas na Rússia, através do jornal *Sovreménnik* (“O Contemporâneo”). A sua agitação centrou-se originalmente na abolição da servidão, para que os camponeses mantivessem as suas terras e a sua organização comunal de aldeia (a *obshchina* ou *mir*), que os populistas russos consideravam como a base para uma futura transição direta da Rússia para o socialismo, sem ter de passar pelo purgatório do capitalismo. Após a abolição da servidão em 1861, suas exigências centraram-se na abolição do pagamento de resgates e na concessão de liberdades democráticas. Em 1862, Chernyshevsky foi preso e confinado na fortaleza de Pedro e Paulo, onde escreveu seu famoso romance *O que Fazer?* cujo título Lenin emprestaria quarenta anos depois para seu livro de mesmo nome. O legado de Chernyshevsky foi continuado e desenvolvido por vários indivíduos e organizações, incluindo a primeira sociedade secreta, “Terra e Liberdade” (*Zemlyá i Volya*) (1861-1864). O movimento atingiu a maioria com a campanha “Ir ao Povo” de 1874 e, após o seu fracasso, com a criação da segunda organização, “Terra e Liberdade”, em 1876.

Os populistas consideraram os camponeses como sujeitos da revolução social e estabeleceram colónias agrícolas para levar a cabo agitação nas zonas rurais, o que falhou em grande parte. O seu sucesso inesperado entre os trabalhadores urbanos converteu alguns dos seus membros, como Vera Zasulich,

1 Pesquisador do *Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas* (CONICET) da Argentina; professor de História da Universidade Nacional de Córdoba (UNC).

2 Licenciado em Psicologia, Pesquisador do CONICET.

Georgi Plekhanov, Pavel Axelrod e Lev Deich, ao marxismo. O partido também tinha seções “desorganizadoras”, que se tornaram a base dos grupos terroristas que eventualmente assumiram o controle de “Terra e Liberdade” a partir de 1878. O governo respondeu aos ataques contra figuras governamentais responsáveis de atos particularmente cruéis com uma política de terrorismo de Estado que só conseguiu fortalecer a tendência terrorista dentro de *Zemlyá i Volya*. A partir de 1º de fevereiro de 1878, os ataques não foram mais realizados por figuras isoladas, mas por um órgão instituído pelo partido, denominado Comitê Executivo do Partido Socialista Revolucionário.

Em São Petersburgo, os opositores ao terrorismo político reuniram-se em torno de Georgi Plekhanov e Mikhail Popov, que solicitaram o apoio de ativistas que ainda estavam nas colônias agrícolas, os chamados *derevenshchiki* ou “aqueles do campo”. Em junho de 1879, nos congressos de Lipetsk e Voronezh, a tendência terrorista saiu vitoriosa com a institucionalização do “Comitê Executivo”, ao qual foi atribuído o papel de órgão dirigente do partido. Plekhanov foi o único delegado que se opôs abertamente à nova orientação terrorista em Voronezh. Não obtendo nenhum apoio, levantou-se e saiu da reunião. Em 26 de agosto de 1879, o Comitê Executivo condenou formalmente o czar Alexandre II à morte e, em 12 de setembro, proclamou-se “uma sociedade secreta totalmente autônoma nas suas atividades”. Isto marcou o fim da organização “Terra e Liberdade”.

Foi acordado que nenhuma das seções usaria o antigo nome *Zemlyá i Volya*. O grupo liderado por Plekhanov, apoiado por Zasulich, continuou empenhado na agitação entre o campesinato e adotou como símbolo a exigência dos camponeses de que as terras fossem divididas igualmente e distribuídas entre os antigos servos. Este grupo, portanto, chamou o órgão do partido de *Chiorny Peredel* (“Repartição Negra”). *Chiorny Peredel* foi infiltrado por um agente provocador que conseguiu impedir a publicação de seu órgão na Rússia e forçou Plekhanov, Zasulich e Deich a emigrar, mas desempenhou um importante papel histórico ao insistir na necessidade de retomar o trabalho entre o povo em todas as circunstâncias, argumentando que “a libertação do povo deve ser obra do próprio povo”. Embora ainda apoiasse a proposição populista de que o problema agrário era o elemento central da revolução russa, Plekhanov começou a observar nas páginas do jornal *Chiorny Peredel* (do qual apenas cinco números foram publicados) que “o centro de gravidade

da economia está avançando em direção à indústria.” A compreensão desta ideia levaria Plekhanov e seus companheiros ao marxismo quatro anos depois (Venturi 1960).

O grupo que preferiu levar a tática terrorista até às últimas consequências procurou sublinhar sua decisão de lutar pela realização da vontade do povo russo, que considerava ser a destruição do absolutismo, por isso chamou o órgão político de Comitê Executivo de *Narodnaya Volya* (“A vontade do povo”). Seu primeiro número apareceu em outubro de 1879. O quinto número apareceu pouco antes de conseguirem assassinar o czar Alexandre II em 1º de março de 1881. A última edição, com o número 11-12, foi publicada em outubro de 1885, mas a organização já havia sido esmagada logo após a execução do czar e o enforcamento de Rysakov, Zhelyabov, Mikhailov, Kibalchich e Sofya Perovskaya em 3 de abril de 1881. As esperanças de *Narodnaya Volya* de que a remoção do czar daria início a uma revolta camponesa foram frustradas, os camponeses consideraram o seu assassinato como uma conspiração da nobreza em retaliação pela sua libertação da servidão. O comando do Estado passou para as mãos do czar Alexandre III e do seu conselheiro ultra-reacionário, Konstantin Pobedonóstsev, que proclamou num manifesto datado de 29 de abril de 1881 “a firme determinação do soberano em manter e defender a autocracia” (Venturi 1960).

As tendências terroristas continuaram a ressoar ao longo da década de 1880. Uma tentativa de assassinato em particular teve um impacto central na vida de Lenin: em 1º de março de 1887, sexto aniversário do assassinato de Alexandre II, seu irmão mais velho, Alexandre Ulyanov, de 21 anos, juntou-se a uma conspiração para eliminar Alexandre III. Foi enforcado, junto com quatro de seus companheiros, em 8 de maio de 1887. Lenin, então com dezessete anos, declararia mais tarde: “meu caminho foi marcado por meu irmão mais velho” (Pomper 2010). Em 12 de setembro de 1883, o grupo “Emancipação do Trabalho”, a primeira organização marxista russa, foi criado em Genebra. Seus membros incluíam Plekhanov, Zasulich, Deich, Pavel Axelrod e Vasily Ignatov. Dois anos após a sua fundação, o seu efetivo numérico foi reduzido de cinco para três membros. Ignatov morreu pouco depois, enquanto Lev Deich, parceiro de Zasulich, foi preso em fevereiro de 1884 na Alemanha por contrabandear literatura da Suíça para a Rússia. Ele foi posteriormente entregue à *Okhrana* (policia política) e exilado na Sibéria Ocidental, onde permaneceu

até a primavera de 1901 (suas memórias do exílio na Sibéria foram traduzidas para o inglês, ver Deutsch 1903).

O grupo “Emancipação do Trabalho” começou a publicar uma “Biblioteca do Socialismo Contemporâneo” e a contrabandear-la para a Rússia. Embora Vera Zasulich (uma famosa heroína terrorista que em 24 de janeiro de 1878 atacara o brutal governador de São Petersburgo, general Fyodor Trepov, atirando nele à queima-roupa) fosse de longe a figura mais conhecida do grupo, seu ideólogo era o jovem Georgi Plekhanov, filho de uma família nobre, que tinha vinte e seis anos em 1883. Plekhanov fizera sua estreia política em dezembro de 1875, dirigindo-se a uma pequena multidão, composta majoritariamente por intelectuais, em frente à Catedral de Kazan, em São Petersburgo (um fato sem precedentes na Rússia autocrática). Mais tarde, Plekhanov atuou como propagandista entre os trabalhadores industriais da capital e se opôs à tendência terrorista, acreditando que somente a ação de massa poderia derrubar a autocracia e garantir os direitos democráticos. No início da década de 1880, assediado pela polícia, emigrou: só regressaria à Rússia em 1917 (Baron 1976).

O primeiro grande trabalho teórico de Plekhanov foi *O Socialismo e Luta Política* (Plekhanov 1883), rapidamente seguido por *Nossas Diferenças* (Plekhanov 1885), onde submeteu teorias populistas a críticas exaustivas. Plekhanov argumentou que a “Santa Rússia” estaria sujeita ao desenvolvimento do capitalismo como qualquer outra nação, criando uma classe crescente de trabalhadores assalariados cuja organização política seria tarefa de revolucionários, que não seriam mais populistas, mas marxistas ou, na linguagem da época, os socialdemocratas. *O Socialismo e a Luta Política* marcou a transição do campesinato para a classe trabalhadora como sujeito revolucionário da esquerda russa. Plekhanov destacou que os marxistas “não concebem as tarefas da revolução socialista como ‘a regeneração de todo o povo em geral’. Tentam organizar os trabalhadores num partido especial, para assim separar os explorados dos exploradores e dar expressão política ao antagonismo económico” (Plekhanov 1883). Ele insistiu que os intelectuais socialistas “devem ser os líderes da classe trabalhadora no próximo movimento de emancipação, apresentar-lhe claramente os seus interesses políticos e económicos, a ligação recíproca desses interesses, induzi-la a adoptar um papel independente na vida social da Rússia”; “eles devem esforçar-se por todos os meios para que a

nossa classe trabalhadora, durante o primeiro período da vida constitucional da Rússia, possa participar como um partido especial, com um determinado programa político-social” (Plekhanov 1883).

E afirmava categoricamente que o futuro partido dos trabalhadores, se quisesse ser consistentemente revolucionário, teria de adoptar um programa e uma tática marxistas:

Sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário, no verdadeiro sentido da palavra. Cada classe que aspira à sua emancipação, cada partido político que chega ao poder, só é revolucionário na medida em que representa as correntes sociais mais progressistas e, consequentemente, apoia as ideias mais avançadas do seu tempo. Uma ideia com conteúdo revolucionário é como a dinamite, que não pode ser substituída por nenhum explosivo. Em sua polêmica com Nikolai Mikhailovsky, o teórico do *Narodnaya Volya* que propôs uma “sociologia subjetiva”, Plekhanov insistiu que a história não era uma série de eventos aleatórios que poderiam ser manipulados à vontade de acordo com algum ideal arbitrário, por mais nobre que fosse, mas um processo regido por leis. O indivíduo só pode esperar realizar seus ideais subjetivos alinhando-se com uma classe social progressista, e aqueles que exaltaram o papel dos “heróis” individuais acima da “multidão” condenaram-se à futilidade. A liberdade consistia na aceitação consciente da necessidade histórica, que impunha aos revolucionários russos uma série de tarefas políticas codificadas pela primeira vez no programa do grupo “Emancipação do Trabalho” (Plekhanov 1895).

O primeiro programa de “Emancipação do Trabalho”, delineado em 1884, ainda apresentava fortes influências terroristas, e mesmo o segundo projeto de programa, escrito três anos depois, declarava que os socialdemocratas russos não se oporiam aos “chamados atos de terrorismo se provassem necessário para os interesses da luta” (Plekhanov 1887). Seria um processo gradual até que o desenvolvimento de um movimento de massas transformasse os marxistas russos em adversários das táticas do terrorismo individual. Contudo, o passo principal já tinha sido dado: Plekhanov declarou no seu discurso perante o congresso inaugural da Segunda Internacional, em 1889: “O movimento revolucionário na Rússia triunfará apenas *como movimento da classe trabalhadora*

ou nunca triunfará!” (Plekhanov 1889, ênfase no original). A visão do grupo “Emancipação do Trabalho” sobre o desenvolvimento histórico da Rússia e as tarefas políticas que dele surgiam foi corroborada estatisticamente no texto de Lenin *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*: o processo de formação de um mercado interno para a grande indústria (Lenin 1899a). O subtítulo revelou a intenção política subjacente. Os teóricos populistas argumentaram que o capitalismo não poderia desenvolver-se na Rússia porque sua chegada tardia impedia a indústria russa de aceder ao mercado mundial, enquanto as massas camponesas, devido à sua extrema pobreza, não conseguiam fornecer um mercado interno adequado para o desenvolvimento dos seus produtos. Lenin mostrou que a diferenciação social entre os camponeses já tinha dado lugar a uma importante classe de trabalhadores assalariados que só iria crescer no futuro, e cuja organização deveria ser o objetivo dos revolucionários, porque só através dos trabalhadores urbanos poderiam chegar às massas camponesas das aldeias.

A dimensão desta nova classe social, que surgira pela primeira vez na cena nacional com a onda de greves dos trabalhadores têxteis de São Petersburgo em 1896, ainda era pequena. De acordo com estatísticas oficiais, havia 2,2 milhões de trabalhadores nas indústrias mineiras e transformadoras em 1900. Se forem incluídos os trabalhadores não sujeitos a inspeções de fábrica, obtém-se um número de aproximadamente dois milhões e meio. A isto somam-se mais meio milhão de trabalhadores nos transportes e cerca de 300 mil na construção em áreas urbanas, atingindo um total de 3,3 milhões. Isto equivalia a apenas 2,5 por cento da população total de 129 milhões em 1897 (Keep 1963). Esta predominância esmagadora da população rural forneceu as bases para a subsequente emergência do neopopulismo, na forma do Partido Socialista Revolucionário criado em 1902 (Hildermeier 2000). Mas os trabalhadores industriais estavam concentrados em centros-chave, a partir dos quais, se actuassem de forma organizada, poderiam exercer uma influência política infinitamente maior do que a sua força numérica.

Os vários círculos socialdemocratas de propaganda da capital uniram-se para formar uma organização chamada “União de Luta pela Emancipação da Classe Trabalhadora” de São Petersburgo. Em dezembro de 1895, antes que a nova organização pudesse fazer notar sua existência, seis dos seus líderes mais proeminentes, incluindo Lenin, foram presos. Foi Mártoev quem, uma semana depois, deu o seu nome à União e organizou a publicação dos seus primeiros

panfletos; no entanto, ele quase não teve tempo de promover a organização antes de ser capturado pela polícia junto com vários outros líderes. Seguiram-se outras prisões e, em agosto de 1896, apenas um dos dezessete membros do núcleo original, Stepan Radchenko, permanecia livre. A União não estava, portanto, em posição de liderar os trabalhadores têxteis durante a sua famosa greve. No outono de 1896, Radchenko estava demasiado ocupado tentando evitar a sua própria prisão para liderar adequadamente a União. Embora tenha mantido a sua composição oficial, a autoridade passou para uma nova equipe liderada por Vladimir Majnovets (Akimov), Vladimir Ivanshin e Konstantin Takhtarev. Os novos dirigentes da União enfatizaram luta pela satisfação das necessidades económicas imediatas dos trabalhadores em detrimento da luta política contra o regime autocrático: esta foi a origem do “economismo” (Keep 1963).

Os editores de jornais críticos ao regime deram espaço para artigos de escritores marxistas, e até apareceram alguns jornais que divulgaram abertamente as suas ideias. No verão de 1896-1897, um grupo de marxistas de Samara liderados por Pyotr Maslov ganhou o controle de um jornal local, *Samarskiy Vestnik* (O Mensageiro de Samara), que publicou contribuições de Pyotr Struve e vários de seus companheiros. Pouco depois, uma revista mensal de sucesso, *Nóvoye Slovo* (A Nova Palavra), apareceu em São Petersburgo, editada por Struve. Diferentes indivíduos com posições de influência, particularmente no campo cultural, desenvolveram simpatias pelo marxismo. Entre os “marxistas legais” de São Petersburgo, as figuras mais conhecidas foram o economista Mikhail Tugan-Baranovski e o publicitário Pyotr Struve, que mais tarde se tornou um dos principais ideólogos do liberalismo russo.

Já em 1895, Lenin tinha chamado a crítica de Struve ao conteúdo económico do populismo de um “reflexo do marxismo na literatura burguesa”, embora Struve ainda pertencesse aos círculos dos “marxistas legais” (Lenin 1894). A advertência de Lenin foi presciente: em 1901, Struve havia se tornado o centro das atenções nos círculos *zemstvo* liberais. Quando os líderes liberais decidiram, na primavera de 1902, lançar um jornal clandestino, Struve foi escolhido como editor. *Osvobozhdenie* (Libertação), como era chamado o jornal, começou a ser publicado em julho de 1902. Assim como o *Iskra*, foi publicado no exterior e distribuído na Rússia por grupos de simpatizantes. Embora Struve não tenha feito uma proposta aberta a favor de um governo

constitucional, preferindo falar da necessidade de “direitos e de um *zemstvo* onipotente de toda a Rússia”, depois de alguns meses começou a propor a convocação de uma assembleia constituinte baseada em princípios e sufrágio universais. Na esfera tática, *Osvobozhdenie* propôs colaboração com os sociais-democratas. Em meados de 1903, após a fundação da liberal *Soyuz Osvobozhdeniya* (União para a Libertação), a revista tornou-se o órgão oficial da União. Em 1905, Struve se tornaria um dos fundadores do liberal Partido Democrático Constitucional (Kadetes), o principal partido burguês russo.

Em outubro de 1897, foi criada uma organização socialista judaica chamada “União Geral dos Trabalhadores Judeus da Rússia e da Polónia” ou, simplesmente, “Bund” (*Allgemeinen Jüdischen Arbeiterbund*), de cujas fileiras saiu um dos principais líderes da social-democracia russa, Yuli Osipovich Tserdterbaum, mais conhecido como Julius Martov. Foi o Bund quem tomou as providências práticas para o Primeiro Congresso do Partido Operário Socialdemocrata Russo (POS DR), realizado em Minsk entre 1º e 3 de março de 1898. O Congresso designou a União dos Socialdemocratas Russos no Exterior como a agência do partido no estrangeiro e a *Rabochaya Gazeta* de Kiev como seu órgão oficial. Pouco depois, a polícia realizou uma ampla operação contra o POS DR, com cerca de 500 detenções, incluindo 175 em Kiev e mais de 50 em Moscou. Em janeiro de 1899, a polícia afirmou ter capturado oito dos nove delegados ao Congresso. A *Rabochaya Gazeta* cessou sua publicação e o Comitê Central ficou paralisado. O legado mais importante do Primeiro Congresso do POS DR foi o manifesto escrito por Piotr Struve (que, como vimos, em breve se tornaria um dos principais porta-vozes do liberalismo russo), cujo fragmento principal dizia:

Quanto mais a leste da Europa nos movemos, mais fraca, covarde e implacável é a burguesia em termos políticos, e maiores são as tarefas culturais e políticas pelas quais a responsabilidade recai sobre o proletariado. A classe trabalhadora deve e irá carregar nos seus ombros largos a causa da luta pela liberdade política. Isto é essencial, mas é apenas o primeiro passo para a realização da grande missão histórica do proletariado, para a criação daquela ordem social na qual não haverá lugar para a exploração do homem pelo homem. (...) Ao tomar como tarefa imediata do partido o objetivo da conquista da liberdade política, a socialdemocracia avança em direção ao objetivo já indicado pelos gloriosos ativistas da

antiga “Vontade do Povo”. Mas os meios e o caminho que a socialdemocracia escolhe são diferentes. Esta escolha é determinada pelo desejo consciente de ser e permanecer um movimento de classe das massas trabalhadoras organizadas. A socialdemocracia está firmemente convencida de que “a libertação da classe trabalhadora só pode ser obra da própria classe trabalhadora” e adaptará todas as suas ações sem desvio a este princípio fundamental da socialdemocracia internacional (Daniels 1993).

A repressão que se seguiu ao Congresso de Minsk de 1898 reforçou a tendência para a descentralização e a autonomia local dos socialistas e contribuiu para a propagação da tendência conhecida como “economicismo”. O partido transformou-se num “conglomerado de organizações locais (os chamados comitês)”, entre as quais existia uma ligação puramente ideológica (Lenin 1904c). Com o colapso da iniciativa de Minsk, o centro de gravidade do POSDR voltou ao grupo de emigrantes da Europa Ocidental. Rosa Luxemburgo, na sua crítica ao livro de Lenin, *Um Passo Adiante, Dois Passos Atrás* em *Die Neue Zeit* (uma crítica em que acusou erradamente Lenin de “ultracentralismo” – ver a resposta de Lenin em Lenin 1904c), definiu corretamente o problema com o qual o grupo que editaria o jornal Iskra teria que enfrentar a partir do final de 1900:

O problema sobre o qual a socialdemocracia russa tem trabalhado desde há alguns anos é o da transição do tipo de organização por círculos em nível local fragmentado e completamente autónomo, que correspondia à fase preparatória e predominantemente propagandística do movimento, para o tipo de organização necessária para a ação política unificada das massas em todo o Estado. Mas como a característica distintiva das antigas formas de organização, que se tornaram insustentáveis e politicamente obsoletas, era a fragmentação e a autonomia total, o autogoverno das organizações locais, a palavra de ordem da nova fase, a do trabalho organizacional preparado em grande escala, era, naturalmente, centralismo. A afirmação da ideia centralista foi o leitmotiv da brilhante campanha de três anos levada a cabo pelo Iskra em preparação para o recente congresso do partido, que foi de fato o seu congresso fundador; e a mesma ideia dominou toda a geração mais jovem de socialdemocratas na Rússia (Luxemburgo 1904).

Dez anos antes do Primeiro Congresso do POSDR, em 1888, Plekhanov foi forçado a aceitar a formação de uma organização conhecida como “União dos Social-democratas Russos no Exterior”, à qual o grupo “Emancipação do Trabalho” aderiu com a condição de editar suas publicações. Na prática, a nova organização quase não existia. Mas em 1894, Plekhanov e os seus amigos, desesperadamente sem fundos, foram forçados a fazer novas concessões e a fundir o seu grupo com a União. Foi acordado que continuariam a desempenhar as suas tarefas editoriais, que incluíam a publicação de um jornal intitulado *Rabotnik* (O Trabalhador), bem como uma série de panfletos sobre assuntos atuais. No outono de 1898, os veteranos estavam politicamente isolados. Quando a União dos Socialdemocratas Russos no Exterior realizou seu primeiro congresso em 1898, os oponentes do grupo “Emancipação do Trabalho”, que tinha a maioria, apresentaram uma moção para aceitar como membros duas pessoas, Boris Krichevsky e Pavel Teplov (“Sibiriak”), a cuja candidatura Plekhanov e Axelrod se opuseram. Ambos expressaram a sua desaprovação ao renunciarem aos seus direitos como editores das publicações da União. O congresso decidiu lançar um novo jornal, no lugar do extinto *Rabotnik*, denominado *Rabocheie Dielo* (A Causa Operária), cuja primeira edição foi publicada em abril de 1899. A equipe editorial do *Rabocheie Dielo* era composta, naquela época, por de Krichevsky, Teplov, Vladimir Ivanshin, Vladimir Akimov e Alexander Martynov.

Dois dos principais porta-vozes “economistas” eram Sergei Prokopovich, um economista que emigrou para a Suíça em 1896, e a sua esposa Yekaterina Kuskova. O casal mudou-se para a Bélgica, onde ficou impressionado com o apoio maciço de que gozavam as organizações laborais belgas e com a ênfase que davam aos métodos constitucionais de luta. Numa carta a Axelrod durante a primavera de 1898, Prokopovich fez uma comparação nada lisonjeira entre o socialismo belga e o russo, declarando que nem ele nem Kuskova continuariam a aceitar o programa oficial do Grupo “Emancipação do Trabalho”, como faziam os membros da União dos Socialdemocratas Russos no Exterior (Keep 1963). Em 1899, Kuskova escreveu o mais famoso documento “economista”, o chamado *Credo*, publicado pela primeira vez pelos oponentes do “economismo” juntamente com um “Protesto dos Socialdemocratas da Rússia”, redigido por Lenin e assinado por dezessete exilados políticos. na Sibéria (Lenin 1899b, onde é reproduzido o texto integral do Credo). Partindo do pressuposto de

que “a fofoca sobre um partido político independente dos trabalhadores é o produto da transplantação para o nosso solo de objetivos estrangeiros e resultados estrangeiros”, o Credo chegava à conclusão de que “para o marxista russo só há uma solução: participação, isto é, ajuda na luta económica do proletariado, e participação na atividade da oposição liberal” (Lenin 1899b). Lenin apontou as implicações disso: os sociais-democratas deveriam unir-se numa frente política liderada por liberais, deixando os trabalhadores lutarem apenas por objetivos puramente económicos e colocando o movimento operário sob a hegemonia ideológica da burguesia.

Em *O que Fazer?* Lenin escreveu que a fama do Credo se devia à franqueza com que ele “revelou a tendência política fundamental do ‘economicismo’: que os trabalhadores assumam o comando da luta econômica (mais precisamente seria da luta sindicalista, uma vez que esta última também inclui especificamente a política dos trabalhadores), e que a intelectualidade marxista se fundiria com os liberais para a ‘luta’ política” (Lenin 1902a). O desenvolvimento do “economicismo” coincidiu com o surgimento da controvérsia revisionista no Partido Socialdemocrata Alemão (Tudor e Tudor 1988). Confrontado com a iniciativa de Eduard Bernstein de converter a socialdemocracia num partido reformista no quadro da democracia parlamentar burguesa, Plekhanov decidiu defender os princípios marxistas revolucionários. Ele foi um dos primeiros escritores marxistas de reputação internacional (outros chamados ‘ortodoxos’ foram Alexander Helphand – Parvus – e Rosa Luxemburgo, do Império Russo) a abrir fogo contra Bernstein e seus colegas revisionistas (Plekhanov 1898, 1899a, 1899b). Foram eles que, juntamente com o dissidente britânico Belfort Bax, instaram Karl Kautsky a enfrentar o desafio reformista e a tornar-se o principal porta-voz do campo “ortodoxo” contra o revisionismo de Bernstein (Kautsky 1899, Bernstein 1899). A consequência final das teorias de Bernstein foi o ministerialismo de Millerand, uma versão inicial da teoria da Frente Popular de Stalin. Em junho de 1899, Alexandre Millerand, líder do *Parti Socialiste de France*, juntou-se ao “governo de defesa republicano” de René Waldeck-Rousseau juntamente com o carniceiro da Comuna de Paris de 1871, o general Gallifet, usando como desculpa o caso Dreyfus. Em *O que fazer?* Lenin denunciou o “ministerialismo” de Millerand e a sua ligação com o revisionismo de Bernstein com as seguintes palavras:

Caso a crítica teórica de Bernstein e suas aspirações políticas ainda não fossem claras para algumas pessoas, os franceses tiveram o cuidado de demonstrar claramente o que é o “novo método”. A França justificou, mais uma vez, a sua antiga reputação de “um país em que as lutas de classes históricas foram cada vez mais levadas à sua conclusão decisiva, mais do que em qualquer outro lugar” (Engels, do prefácio à obra de Marx O 18 Brumário de Luis Bonaparte). Em vez de teorizar, os socialistas franceses começaram a trabalhar imediatamente. As condições políticas da França, mais desenvolvidas no sentido democrático, permitiram-lhes passar imediatamente para o “bersteinianismo prático”, com todas suas consequências. Millerand deu um exemplo brilhante deste bersteinianismo prático: não admira que Bernstein e Vollmar tenham sido tão rápidos a defender e elogiar Millerand com tanto zelo! Na verdade, se a social-democracia é, em essência, simplesmente um partido de reformas, e deve ter a coragem de admitir francamente, um socialista não só tem o direito de entrar num ministério burguês, mas deve sempre aspirar a isso. Se a democracia implica, no fundo, a supressão da dominação de classe, porque não deveria um ministro socialista encantar todo o mundo burguês com discursos sobre a colaboração de classes? Por que não deveria ele continuar no ministério mesmo depois de os assassinatos de trabalhadores pelos gendarmes terem revelado pela centésima e milésima vez o verdadeiro caráter da colaboração democrática de classes? Por que não deveria ele participar pessoalmente nas felicitações ao czar, a quem os socialistas franceses não dão agora outros nomes senão os do herói do enforcamento, do knut e da deportação? E em troca desta infinita degradação e autoflagelação do socialismo perante o mundo inteiro, da corrupção da consciência socialista das massas trabalhadoras – única base que nos pode assegurar a vitória – em troca de tudo isto, alguns projetos bombásticos de reformas miseráveis, tão miseráveis, que conseguiram obter mais dos governos burgueses! (Lenin 1902a)

Segundo Lenin, “o mais franco e honesto adepto do economicismo” era o jornal *Rabochaya Misl* (Pensamento do Trabalhador) (Lenin 1902a). A “União de Luta pela Emancipação da Classe Trabalhadora” de Petersburgo lançou o *Rabochaya Misl* em outubro de 1897. Após a segunda edição, em dezembro do mesmo ano, uma série de prisões destruiu o grupo original. O empreendimento foi absorvido por um grupo de intelectuais. O mais proeminente deles foi Karl August Kok, um apoiador de Bernstein que na época morava em Berlim e continuava a publicar o jornal no exterior. A partir da quarta edição,

publicada em outubro de 1898, Konstantin Tajtarev, que havia sido apresentado a Kok por Kuskova, juntou-se ao grupo editorial de exilados.

Rabochaya Misl afirmava ser a voz dos trabalhadores de São Petersburgo, embora fosse publicado por um conselho editorial de intelectuais exilados que cultivavam um desprezo arrogante pelas controvérsias teóricas. A intelectualidade, advertiram os editores, não era um defensor confiável da causa popular, e o partido estabelecido em Minsk era uma criação artificial, a ser substituída por uma união de trabalhadores de base ampla. Sua rejeição aos intelectuais, porém, foi seletiva, já que a “Separata” publicada como suplemento da *Rabochaya Misl* nº 7, em julho de 1899, incluía um artigo do revisionista Eduard Bernstein, bem como uma análise em solidariedade ao revisionismo. Refletindo as ilusões geradas em alguns círculos trabalhistas pela tolerância do governo às greves ilegais no final da década de 1890 (Sergei Zubatov, chefe da *Okbrana* de Moscou, criaria sindicatos amarelos), *Rabochaya Misl* proclamou que o objetivo do movimento operário era a satisfação de seus exigências econômicas e políticas imediatas. A política era entendida mais como a projeção da luta sindical do que como a preparação ideológica e organizacional para uma revolução. O editorial da primeira edição do *Rabochaya Misl* proclamou que a luta econômica, “a luta contra o capital no campo das necessidades diárias essenciais e a greve como meio desta luta” era “a palavra de ordem do movimento operário”. Os trabalhadores deveriam mobilizar-se em torno de fundos de greve, que forneceriam “meios, não para cursos de formação ou livros, mas para pão na mesa quando a luta está mais acirrada, durante uma greve”. Desta forma, saberiam “que não estão a lutar por alguma geração futura, mas por si próprios e pelos seus filhos” (citado em Lih 2006).

Como escreveu Boris Savinkov (então ativista socialdemocrata em São Petersburgo e mais tarde membro proeminente da “Organização de Combate” do Partido Socialista Revolucionário) num artigo publicado em abril de 1900:

Enquanto a organização ativa se der como objetivo refletir as reivindicações, os pontos de vista e o estado de espírito da parte menos avançada do proletariado fabril, ao mesmo tempo que deixa desassistida a maturidade política do seu setor mais avançado, a sua atividade prática irá, sem o perceber, assumir principalmente o caráter de uma agitação sobre questões imediatas. interesses econômicos, e o centro de gravidade desta atividade será a publicação de proclamações que exploram cada fato

individual e cada abuso local numa fábrica (B-v, 'Peterburgskoe dvizhenie i prakticheskie zadachi sotsial' demokrati') (“O movimento de Petersburgo e as tarefas práticas dos socialdemocratas”), *Rabochaya Dielo*, nº 6, abril de 1900, citado em Lih 2006).

Desta forma, a tendência economicista refletia as exigências imediatas do setor menos avançado do proletariado, enquanto, segundo Plekhanov e Lenin, a socialdemocracia deveria aspirar a organizar acima de tudo o seu setor mais avançado. Embora o *Rabochaya Dielo* se opusesse formalmente ao “economicismo” (publicou o protesto de Lenin contra o Credo quando este chegou a Genebra), a sua atitude foi equívoca: afirmou que o Credo era a opinião errada de alguns indivíduos isolados, e não parte de uma tendência mais ampla que incluía a *Rabochaya Misl*. Um dos membros do conselho editorial da *Rabochaya Dielo*, Boris Krichevsky, deu apoio aos “economicistas” ao propor uma “teoria das etapas”, segundo a qual os trabalhadores chegariam à consciência de classe antes de mais nada através da agitação económica. Contra isto, Plekhanov argumentou que *Rabochaya Dielo* diminuía a visão do movimento para acomodar os trabalhadores mais atrasados (Keep 1963). Em 1899, Krichevsky escreveu uma série de relatórios sobre a situação francesa para o órgão da socialdemocracia alemã, *Vorwärts*, onde elogiou o ministerialismo de Millerand, dando origem a uma amarga disputa com Martov e Parvus. Quando Plekhanov descobriu que o revisionismo tinha infetado a União dos Socialdemocratas Russos no Exterior, ele e os membros do grupo “Emancipação do Trabalho” romperam com os “jovens”. Em março de 1900, o grupo “Emancipação do Trabalho” publicou um panfleto fortemente polémico de Plekhanov, intitulado *Um Vademecum para os Editores do Rabochaya Dielo* (versão inglesa em Mullin 2015). Em abril do mesmo ano, no segundo congresso da União dos Socialdemocratas Russos no Exterior, Plekhanov, Zasulich e Axelrod partiram e, juntamente com alguns seguidores, formaram a “Organização Revolucionária Socialdemocrata”.

A velha guarda recebeu apoio de uma nova geração de ativistas recém-retornados do exílio na Sibéria, que incluía Martov, Alexander Potresov e Lenin (este último deixou a Rússia e mudou-se para a Europa em julho de 1900), o que permitiu ao grupo a “Emancipação do Trabalho” refutar a acusação do *Rabochaya Dielo* de que o seu “dogmatismo” era um produto do seu isolamento da realidade russa. Os membros da velha e da nova guarda